

Editora Pragmatha
Porto Alegre, Março/2009
Ano 01, Número 14
Circulação gratuita

Caderno Pragmatha Literário

*O imaginário do
mar e do navegador*

Editorial

O imaginário do mar e do navegador é retratado nas próximas páginas no lirismo de dezenas de poetas, de todo o Brasil e também de Portugal. O desafio de desbravar esse universo resultou em letras com expectativa, sonhos, saudade, alegria e uma gama imensa de outros sentimentos, retratando o cotidiano de quem se lança a grandes viagens e empreitadas.

Ler os poemas da 14ª edição do Caderno Literário é construir imagens mentais de mapas, instrumentos de navegação, linhas de horizonte, ouvindo o som da água do mar e das aves, quase que sentindo a brisa no rosto. É desbravar o universo interior e vibrar o mistério daqueles que tiveram a coragem e o desprendimento para buscar novas terras.

Por isso, também, ler os poemas desta edição é conectar-se com a história do Brasil e de países europeus, seja pela figura dos navegadores portugueses e espanhóis, seja pela figura dos imigrantes italianos, alemães, holandeses e outros, que se uniram para construir a história no lado de cá do Atlântico. De certa forma, por esta perspectiva, ler os poemas é também visitar nossa história pessoal, uma vez que, pelos laços de sangue, todos temos um navegador dentro de nós.

Um ponto de intersecção se apresenta: havia algo de poético no olhar sonhador dos navegadores de antigamente. E há algo de aventureiro nos poetas de hoje, especialmente brasileiros, que sustentam sua luta num mundo nem sempre incompreendido ou valorizado, como é produção poética.

Desejo a todos uma boa leitura e agradeço especialmente ao poeta e artista Osvaldo Heinze, que gentilmente cedeu a imagem que ilustra a capa, sendo a escolhida entre os poetas do Caderno Literário.

Sandra Veroneze
Editora

Índice

- 05 - Reflexão / Eduardo Amaro
 06 - No mar / Márnei Consul
 07 - Ao mar / JjLeandro
 08 - Naufraga sobrevivente / Tereza Carrera
 09 - Mar no céu / Lucia Constantino
 10 - Um barquinho de papel no infinito / Manoel Guedes de Almeida
 11 - Viagem sonhadora / Kleber Negreiros
 12 - Viagens / Zé Luis
 13 - Meu pesar / Luciano Machado Tomaz
 14 - Seu cheiro ficou comigo / Luciano Spagnol
 15 - Elehanor / Ronaldo Campello
 16 - Amigos são como navios / Marcelo Moraes
 17 - Marina / Claudette Grazziotin
 18 - Viajando / Gerci Oliveira Godoi
 19 - Mares do sem-fim / Antonio Canuto
 20 - Atlânticos redimidos / Vanderli Medeiros
 21 - Amigo marinheiro / Regina Bertoneccelli
 22 - Oração ao mar / Valquíria Gesqui Malagoli
 23 - Diário de pirata / Coelho de Moraes
 24 - Eu, navegante / Valdeck Almeida de Jesus
 25 - Mar / Gustavo Gollo
 26 - A grande estirpe portuguesa / Maria Helena Santini
 27 - O pescador e o mar / Mário Feijó
 28 - Verdes mares / Antenor Rosalino
 29 - Mar & Eternidade / Ricardo Mainieri
 30 - O imaginário do navegador / Renata Iacovino
 31 - Cemitérios de navios / Fabiana Fraga da Rosa
 32 - Batalha naval / Fábio Daflon
 33 - Navegante / Leonardo Andrade
 34 - Alça velas / Dimytryus
 35 - Valas / Marcelo d'Ávila
 36 - Vida de sereia / Maruska Abreu
 37 - Viagem / Valdir Azambuja
 38 - O mar em mim / Sarah Jorge
 39 - Amor entre estrelas / Osvaldo Heinze
 40 - Terra amada / Alessandra Cezarini Araujo
 41 - Navegantes / Marlene Inês Kuhnen
 42 - Veneração / Karla Hack dos Santos
 43 - Minh'alma / Ricardo Santos
 44 - Espuma branca / Néia Pinto
 45 - Nas ondas da net / Janjão
 46 - Oceano interior / Vitor Souza
 47 - Um homem olha o céu sentado em seu barquinho / Gabriella Slovick
 48 - O navegante / João Manoel de Oliveira
 49 - Nau sem descansos / Carlos de Hollanda
 50 - O mar / Kastrowiski
 51 - Oceanos / Carla Ribeiro
 52 - Navegar é preciso / Paulo Roberto Ferreira
 53 - Naveguei sim / Ricola de Paula
 54 - Viajo / Nere Beladona
 55 - Navegar é viver / Adriana Pavani
 56 - Corsário enamorado / Laura Guerra
 57 - Movimento / Micheli Zamarchi
 58 - Horizonte azul / Elisabete Antunes
 59 - Imigrante açoriano / Artur Pereira dos Santos
 60 - Nau catarineta / Nilton Maia
 61 - O imaginário do mar e do navegador / Marta Rodriguez
 62 - Partida / Jorge Potier
 63 - Mar de amar / Deo Sant'Anna
 64 - Meu mar / Silvia Pina
 65 - O navegador das galáxias / Rodrigo Cancelli
 66 - Era de esperança / Bento Ribeiro
 67 - Yemanjá e Oxumaré / Syl Signoretti
 68 - Horizonte sem fim / Marcia Gularte
 69 - Maré cheia, maré vazante / Graça Brito
 70 - A inutilidade do adeus / Felipe Basso
 71 - Paixão em alto mar / Alexandre Camargo
 72 - Foz / Tchello d'Barros
 73 - Ao aportar / Miguel Ricardo Patricio
 74 - Imaginário do Mar / Priscila de Loureiro Coelho
 75 - Mar de pensamento / Bibiana Lubian
 76 - Navegando nos sonhos / Neuza Pinto Nissen
 77 - Na essência do homem-universo / Bela (Isabel Amaral Martins)
 78 - Mar mulher / Sandra Veroneze
 79 - Maré dos sonhos / Laura Silva de Souza
 80 - Saber amar o mar e o amor / Marcial Salavery
 81 - Navegar / Débora Villela Petrin
 83 - The Elefant / Sandro Kretus
 84 - Elegia introspectiva / Jefferson Carvalhaes
 85 - Natureza / Natália Alves
 86 - Não-existir / Sw Castilho
 87 - Chuva, chuva, fuja! / Rodrigo Capella -
 88 - Paixão / Lin Quintino
 89 - Poetas e porcos / Antonio Ó Urso
 90 - Perfume/ Pam Orbacam
 91 - Poesia local / Denis dos Santos
 92 - Vento dos desejos / Liana Zélia
 93 - Insanas e fascinantes / Cislaine Bier
 94 - Saudade / Vanessa Soares
 95 - Se um dia, por um mal bem ou por um mal / Estevo Daminielli
 96 - Versos a uma mulher em pelos / Luiz Filho de Oliveira

O imaginário do
mar e o navegador

Reflexão

Eduardo Amaro

Habito em mim por muito pouco tempo.
Na maior parte do tempo,
sou um visitante em mim mesmo.

Pois estou sempre à procura de algo fora de mim.
À procura de outro inerente a mim.

Caravelas gnósticas nos mares revoltos,
vagueiam e brilham no cais do porto,
azuis e verdes, na imagem do mar
caravelas e luas estão a flutuar.

As brumas do incógnito nebulam meu olhar,
quando fito minha sombra refletida nas águas,
reflito sobre o espelho da minha redenção, ao
contemplar
a agonia do outro que eu vejo naquele mar.

Salgado como a gota que cai
sobre a imagem que se esvai,
diluída por uma onda de soluços
e prantos calados,
embaçada por incontáveis suspiros
e amores passados.

No mar

Márnei Consul

corvetas, navios
pensamentos frios.
panos brancos estendidos
sonhos ainda não conhecidos.
narrativa, castigo corporal
ardência, intencionalidade sexual.

Querem o aval?
Toquem o sinal!
O resto ficou para trás.
Só água; tudo jaz.

na proa, numa boa
a chapa do mastro ressoa.
irradiação meridional do sol
um alguém deve estar só.
apenas água em derredor
dilúvio medonho, maior ou menor.

Onde está o vento?
Venha o alimento!
Que comece o rebuliço.
Nada temos a ver com isso.

Ao mar

jjLeandro

Para além da proa
do navio
não se vê a terra que se almeja.
Água, muita água,
e uma vaga ideia
de onde ela esteja.
Expandi os confins do Império,
a ferro e fogo quando
precisar!
Expandi até o sol não se pôr
e ser difícil saber
como voltar!
Trazei prata, ouro, especiarias
e muitas pedras preciosas!
trazei também
histórias fantásticas
que de tão incríveis
pareçam duvidosas!

Náufraga sobrevivente

Tereza Carrera

Não pergunte quem sou,
De onde venho ou o que me marcou.
Deixa que aos poucos eu desvende
O que ainda é desconhecido.
Trago o timão seguro em minhas mãos
E a esperança que consola e acalenta.
Procuo um ombro amigo numa enseada de calmaria,
Um porto seguro para fincar minha âncora.
Sou assim, a timoneira de mim.
Venho de vagâncias palmilhadas ao sol escaldante
Que abrasa o corpo e suplicia a alma.
Enfrentando a borrasca açoitada pelo vento.
Vi o mar furioso vomitar desenganos em meu convés.
Sou náufraga dos tropeços da vida,
Mas sobrevivente por convicção
A tantos finais atormentados.
Chego ao entardecer, no limiar da maturidade,
Buscando o aconchego de dois braços
Para descansar o cansaço e se possível
Resgatar os naufragados sonhos...

Mar no céu

Lucia Constantino

Tenho a fé dos que acreditam
que há todo um mar no céu imenso.
Às vezes, nele vislumbro o infinito
com seus amores, sonhos e tormentos.
Sinto-me uma sombra na colina
esperando do anoitecer a luz do sonho
que vem de rara estrela que me ensina
qual melodia tem a aurora do meu sono.
Não entendo em mim essa verdade
que do santuário me vem assim tão tarde
quando anjos no portal em doce espera
ofertam-me esse vaso tão sagrado
que eu, com imenso e terno afago
lanço ao teu mar como invisível caravela.

Um barquinho de papel no infinito

Manoel Guedes de Almeida

Meu amor é infinito e não me cabe.
Por isso grito e grito bem alto.
Por isso digo te amo e te amo e te amo
E te amo desesperadamente!
Não há espaço em mim pra tanto.
Quero banhar-te em cada gota
Desse fluido invisível que me sai;
Enlaçar-nos nele,
Fazer dele balanço e balançar-nos nele,
Fazer dele casa e cama e vivermos nele,
Faze-lo alimento,
Tece-lo nosso pijama;
Faze-lo barquinho de papel
E navegar por todo o Metatlântico de amar,
Pois meu amor é mar dos mares,
Mar de céu azul sem fim.
Por isso toda essa necessidade só minha
De auto-afirmação constante de amar;
E digo baixinho, e digo sempre, só pra mim,
a cada segundo "te amo",
e escrevo nas folhas do caderno,
Em cada canto em branco
Onde caiba "Amor",
É que sou louco sano
Que sai gritando na rua bem alto
Em dia de chuva,
"Te amo muito e pra sempre, meu amor!"

Viagem sonhadora

Kleber Negreiros

I

A viagem é maravilhosa
Teu sorriso é sedutor
Como eu gosto de tua prosa
Deixe eu ser teu amor

II

Encantado com tua beleza
Uma simpatia contagiante
Conte-me tudo com clareza
Sobre seu verdadeiro rompante

III

Oh! Caudalosa pessoa...
Branca como a lua cheia
Quero soar o seu nome
Sua voz me incendeia

IV

Espero chegar a noite
Para contigo viajar
Na cauda do cometa branco
Ao seu lado quero sentar
Esperando um beijo doce
E com o abraço vou sonhar.

V

Sonhar que eu te beijei, sonhar que a amei,
Sonhar, simplesmente sonhar.
Sonhar que dentro do corpo eu te visitei
Sonhar, que minha visita eu te amei
Sonhar, sonho tudo que eu quero
Tudo que eu quero, eu vou ter
Ter pra ti dizer o quanto é bom sonhar com você.

VI

Enquanto eu puder viajar
Enquanto eu puder voar
Enquanto eu puder falar
Enquanto eu puder, é isso que quero, poder te amar.

Viagens

Zé Luis

As viagens que perdi
Só porque sentado
Perto do mar o olhei com olhos infinitos
De quem nunca o navegou.

Mas fui!..

Fui nas ondas do meu pensar
Até tulipas deixei espalhadas pelas areias
Salgadas perto dos rochedos onde os
Namorados se escondem com medo
Do brilhar da lua

Sim!..

Esperei por ti e bailei ao som dos búzios
Que espalhados aqui e acolá quiseram participar
Na minha dança louca

Sim!..

Como outrora vestido de nada
E o Eu enfeitado de púrpura e sóis que brilham
À tua espera para que o teu corpo
Me deslizesse de novo entre as mãos

Sim!...

Eram danças que só os loucos sabem dançar
Eram danças em que as buscas dos gestos se faziam
Ao escurecer dos astros
Era eu olhando o mar num fresesim
De passos perdidos, nas águas verdes
Do teu olhar

As viagens que perdi
Ao ganhar a imensidão do teu ser
Que de mar apenas tem o longínquo
Vibrar das ondas que se desfazem
Nas memórias dos navegadores

Esperei mais uma vez o cintilar do teu
Sorriso enfeitado que musas perderam
Ao querer libertar-se do mistral e
As viagens que me deixei fazer através
Das águas frias do teu choro escondido
Nas manhãs de sol

Rasga o meu interior e procura em
Mim aquilo que perdeste nos navios
Que viste partir
Rasga o meu interior e deixa-me partir
À procura dos barcos fantasmas que navegam
Dentro deste ser achado
Que tu rasgaste
Que tu levaste
Nas viagens que sempre imaginaste
E nunca fizeste
Rasga-me
Entra dentro de mim
Pega-me e põe-me um mastro
E navega
Navega
Comigo
À sombra dos rochedos dos quais
Os Amantes se escondem
Do brilhar da lua
Vem e deixa que eu te rasgue também.

Meu pesar

Luciano Machado Tomaz

Tomar de assalto o mar,
Eternizar a vida, amar...
O véu da coragem, arrancar.
Lutar sob o peso da vida,
Toda prisão libertar.
Tanta loucura no ar,
A voar...
O chumbo do céu a quebrar.
So far...
Eu e meu pesar
Na noite, em meu sonhar,
Nos braços do mar.

Seu cheiro ficou comigo

Luciano Spagnol

Após este breve adeus
E ter-te nos braços meus
Ficou a inocência de seu odor
Misturados com seu calor
Nos labirintos do lençol
Enlaçados com a turbacão
Do pensamento sem noção
Gravados no sentimento
Inebriando o contentamento
Com resíduos de nossa paixão
Que naufragaram na minha emoção.
É pura essência de hortelã
Que bem cedo, ainda pela manhã
Exala por todos os meus poros
Em eternos cânticos sonoros
Dissolvendo minh'alma em ti
Acordando o meu coração
Marejado de saudosa comoção
Da necessidade de você ter partido
Mas, seu cheiro ficou comigo.

Elehanor...

Ronaldo Campello

As nuvens encobrem as estrelas
por onde me guio nesta vasta solidão de azul
turquesa
que por vezes se torna tão negra como meus
sentimentos
que tento esconder...
Sob mil máscaras na forma mais sutil de amar tento
suportar a solidão, companheira de tantos outros
que dividem o espaço tão mínimo
entre mastros e velas e cordas e desejos e dúvidas,
conquistas e derrotas...

Há um ponto firme no horizonte
tento imaginar ser seu colo, ser seu ser,
imagino poder ter sede para saciar em seus lábios,
imagino ter sono para ser embalado em seus braços...

Há tantos outros recantos
que quero descobrir,
Há tantos outros encantos em você...

Amigos são como navios

Marcelo Moraes Caetano

não escolha os muito pesados, de chumbo e mau-caráter
porque eles afundam em pouco tempo
não escolha os muito leves, de papel e libertinagem
porque o vento adora varrê-los com o espanador
da ironia...
não escolha os aproveitadores
porque são feitos de pedra
não escolha os levianos
porque se descosturam em alto mar
e deixam você a ver navios
afogando-se...
não escolha nunca nunca os sórdidos
(são os piores)
porque se encharcam de lama
cedo ou
mais cedo ainda
e nem o fundo das águas marítimas
com sua extensão infinito fértil
quer suas almas de lodo
não escolha os de ouro e prata
porque são feitos para a venda
e vendem também quem estiver com eles
não escolha os de plumas e paetês
porque são feitos para a quarta-feira
de cinzas
alegóricas...
Amigos são feitos de navio
por sobre cujo pátio vasto e amplidão
se observam - com o sorriso da Mona Lisa
que seria o mesmo da esfinge? -
falsos navios sendo despedaçados nas rochas
sugados nas ondas
queimando em pleno mar
na fogueira
na fogueira
no fogo inextinguível, afinal,
da Justiça
em sua sentença de Sal!

Marina

Claudette Grazziotin

Meu coração solitário,
Ilha perdida
Na imensidão do mar,
Esconde um porto seguro.
Aguarda com paciência
O tempo tão desejado
De no horizonte avistar
Pequeno barco apontar
Singrando contra procelas,
Ao encontro da calmaria
Das amarras do seu porto,
No rumo do seu farol
Que lhe faz tristes sinais.
Só,
Entre o mar e o infinito,
Ouve canto de sereias
Com sua voz de silêncio.
Lança mil vezes seguidas
A rede do seu olhar
Ao longo do litoral.
Com pérolas,
Conchas, peixinhos,
Lindas estrelas do mar
Tece infindável colar.
Já se foram nove luas,
Soprou o vento estival,
Um sem conta de crepúsculos,
Auroras e vendavais;
Mas, não se foi a esperança
Que continua ancorada,
Vestida de algas e espumas,
Tendo um búzio em sua mão;
Vigiando a preamar
Que vai trazer seu mareante
Na proa daquele barco,
Para o calor de seus braços,
Para o refúgio do cais.

Viajando

Gerci Oliveira Godoi

Nas sendas do meu pensar
Cavalga o corcel veloz
Transpõe montanhas e vales
Sem cansar e vai e vai
E logo atraca o barqueiro
Lá no porto da memória
No conteúdo dos anos
Sobre rios e oceanos
Sem fronteira, vem e vai
Embarca no trem dos sonhos
São tantas as estações
Do tempo e de estranhas gares
Que importa se vem ou vai
Voa alto o bando inquieto
De minúsculas lembranças
Está no mundo da lua
Pega a escuna da saudade
E vai e vem e vem e vai

Mares do sem-fim

Antonio Canuto

desatar as amarras
- não há porto de destino
para o navio que parte
tendo como bússola
a agulha dos instintos -
a utopia é um narcótico
a vida a embriaguez da poesia

Atlânticos redimidos

Vanderli Medeiros

Desde aquele fatídico dia,
Em que as águas tragaram nosso povo,
Vagamos, sem rumo, por vidas a esmo,
A espera de um reencontro novo...

Vi, estarecida, nosso mundo mágico submergindo;
Ondas gigantes por fendas surgindo;
Monstros marinhos a todos engolindo;
Nosso povo, nossos lares sumindo...

Ainda em desespero, segurando-me a mão,
Juraste-me amor eterno e nunca haver separação.
Tudo em vão... Um turbilhão de águas oceânicas
Arrastou-nos sem dó, separando-nos pelos sete mares...
Separou-nos o corpo, jamais os corações.

Condenados ao exílio, estivemos por eras;
Vagamos por sobre a terra, em um viver em agonia.
Como uma corrente de elos partidos,
Afundamos em mares profundos, indefinidos...
Nem mesmo Netuno nos ouviu os gemidos.

Hoje, renascidos, doía na alma saudades indefinidas,
Sem saber de onde ou de quem;
Dor sem nada que acalmasse...
Que dilacerava o corpo e a alma...

Era a lembrança do amor interrompido
Na Atlântica perdida; almas gêmeas, separadas,
Em um viver de provações;
Atlânticos decaídos; hoje, redimidos.

Precisou que se passassem muitas eras,
Atravessando provas difíceis nessa esfera
Para, outra vez, merecermos a bênção de nova união,
E retomarmos a velha Nação,
Sob a égide do amor e da união.

Amigo marinho

Regina Bertoncelli

Amigo Marinheiro...
Encontrei um porto seguro
Agora, com o coração feliz e renovado,
navegaremos juntos no nosso mar
Amigo Marinheiro...
Mudaremos a rota do destino
Existe o mar das ilusões
Nele, banharemos nossos sonhos
Amigo Marinheiro...
O maremoto da desesperança
lançou pra longe todo o sofrimento
Seus olhos agora,
refletem a paz merecida
Amigo Marinheiro...
Agora que nos encontramos,
juntos navegaremos na nau,
cujo nome é "Amizade"

Oração ao mar

Valquíria Gesqui Malagoli

O mar que tem ondas tamanhas
jamais conheceu o que passa
pouco além da areia que abraça!
O mesmo mar que nas entranhas
guarda segredos naufragados
de antigos bravos capitães,
que por terra deixaram mãos
e esposas de olhos marejados...

Valentes homens em campanhas
tragados por ondas em taças!
Não bastou usarem couraças,
nem Netuno propôs barganhas.
Quantos corações mutilados,
como que mordidos por cães;
há mesas onde faltam pães
e vinho em festins cancelados...

... E há retornos adormecidos
debaixo de ondas cristalinas...
Pouco além das areias finas
jazem filhos, pais e maridos!
A terra, lamentosa, chora
dia após dia em frente ao mar
pelos que foram sem voltar,
por toda alma que no mar mora.

Pelos seus homens lá perdidos,
a terra lança aos céus divinas
rezas em bocas de meninas,
por heróis pelo mar vencidos.
Quem saberá se nesta hora,
enquanto um lança orações no ar,
outro há que sai a navegar...
- Não reza, amante. Amante implora!

Diário de Pirata Dia Um, como se nascesse

Coelho de Moraes

Perdidos entre beijos e vagas
abraços de morte eu e RoseBraga
resolvemos invadir a baía dos lábios
Assim começa um conto comum e vulgar.
Terá começo meio e fim? Não!
Terá saltos e ondinas corcovas.

Com quantas asas veremos no ar as aves de arribação?
Já conhecemos a América
RoseBraga, jovem, munida de adaga
melindrosa, ofereceu destinos e costas e lombadas tremulantes
no íntimo da alcova
perseguida pelo destino e fogo amoroso
O episódio foi de banalidade comovedora,
e envolveu uma pulseira perdida de uma tia
as pérolas de um governador
o baú marchetado de quilhas
e um mal-entendido, além disso
A cabeça do capitão rolou assim mesmo.

Menos irrelevante será talvez relatar
como sucedeu que corsários atônitos
partilhassem algo maior que a vontade tenaz
de transformar a Mogiana caravela indomável
num imenso palco para trântito e brado de Pentesiléia e Aquiles
de toda fauna de bucaneiros intrépidos
dos muitos que já ocuparam, e ocupam, as madeiras da nave
- madeiras que aceitaram o suor de RoseBraga e eu...
em noites de calores e luas cheias vagais / vagabundas / perdulárias -
mas / nada que tenham construído
a não ser a capacidade de observar o tempo passar
pois tudo o que construímos já existia
terra / mar / onda / espuma e sirena

a história feita de equívocos, e de amores vazios
a história feita de estórias e de valores tardios

Valha-me Alexandre, o Herculano,
que chamava a coisa vulgar como coisa bunda
e nada mais.

O povo da cidadilha elegeu
duas vezes / três vezes / quatro vezes
padres e asnos / pró-rogos vicariato /
sem vergonha para um projeto Curra
dentro da lei
esquecidos dos piratas que vagavam na noite / largo de baías

A eternidade se desdobra além de nossa lucidez
em piscinas inúteis / adulteradas / em tavernas populares
a felicidade ignara e feia / a lucidez feliz sem peia
profunda e permanente sobre as razões e timbres da infelicidade
Eu, Marcus Pirata e RoseBraga de brunas coxas
criamos vínculo menos quebradiço
menos um passado de banco de escola ou de caserna partilhada.

Mas as cousas não se ficam por aqui
há também a paixão comum pela gastronomia dos mares do sul
o segredo mais bem guardado das cavernas de Netuno
Perdições entre polvos e corais

O vento nas nossas faces
A nave deslizando por umbrais

Eu, navegante

Valdeck Almeida de Jesus

O mar me chama, como uma sereia ao pescador
Penso em ficar em terra, preso aos amores daqui
Mas, ao mesmo tempo, o canto das águas me seduz
Maresia, balanço, meu coração balança também
E pende para dentro da embarcação
Essa rotina, esse ir e vir já faz parte de mim
Já me habituei a não ter porto, a não ter pátria
Buscando, sempre, um ponto de apoio no inconstante
Apoio-me nas ondas, nas marolas, no horizonte
Esse mesmo horizonte que me chama e fascina
Foge de mim eternamente
Assim também são meus amores, minha saudade
Este aperto no peito se afrouxa quando o vento,
A brisa e o assombro da morte me vão
Aí, nessa hora, a calma me deixa nauseabundo,
Um homem sem mundo, sem lar, sem laço e sem amor
Então, o vazio profundo da alma me tira a calma
E sofro, de novo, pelo amor que não sei
Pelo abraço e afago da terra natal que não sei.
A saudade de não ter do que ter saudade me corrói
Ela, ele, paixão, sentimento, me chamam de volta
Para um lugar que desconheço
Para um lugar pra onde nunca retorno
E este retorno eterno me leva a um encontro
Um encontro entre a terra e o mar onde eu quero ouvir o canto
da sereia
O que seria de mim sem esta saudade
Sem esta incerteza de não ter onde estar
O que seria de mim, navegante de mim mesmo sem o mar??

Mar

Gustavo Gollo

O que murmura incessantemente, mar?
E enquanto tento decifrar o barulho das ondas,
Sou embalado pelo ritmo suave.
Seu marulho é cantiga de ninar.

A Grande Estirpe Portuguesa

Maria Helena Santini

Por vocação e ordens dos reis surgiram os descobridores,
Que além do porto seguro e por sobre o oceano turbulento,
Lançavam-se em naus de madeira como grandes navegadores,
Valsando ao sabor dos vagalhões, da tempestade e do vento.

O sonho e a coragem sobrepujavam a natural temeridade.
Alteavam as velas com a força e ímpeto dos companheiros.
E assim divididos entre o ardor, a coragem e a ansiedade,
Personificaram com audácia e bravura o mito do aventureiro.

Os olhos dos heróicos navegantes eram poços vertentes.
Era a lágrima, amálgama imprecisa de esperança e de medo
Dos mares, onde mistérios submersos e lendas de serpentes,
Eram vilões do imaginário que intimidavam intrépidos em segredo.

Légua à légua, caravelas desciam incansáveis o verde mar imenso
Toneladas de provisões, presentes, armas e canhões para defesa
Abrindo novas rotas de comércio meio ao obscuro nevoeiro denso
Assim tornou-se célebre a grande e destemida estirpe portuguesa.

O pescador e o mar

Mário Feijó

Vai pescador
Joga a tua rede
Vai teu peixe pescar...

Vai matar a tua fome
Deixa ela jogada
Com tua rede no mar...

Quando voltares pra casa
Existe dentro do ninho
Filhotes-passarinhos que piam
Pedindo teu peixe e amor...

Volta com o barco cheio
Tainhas, corvinas, robalos
Peixes que do mar bendito
Irradiam um cheiro de fartura...

Verdes mares

Antenor Rosalino

Imensidão verdejante,
submersa em plácidas e misteriosas ondas!
Ondas, por vezes, inquietas, sufocantes,
a denotar em bravis e imprevisíveis impulsos
o seu belo e exuberante escaldar de espumas
prateadas.
Ah! Verdes mares...
Águas verdejantes, lacrimejantes!
Eterna inspiração da suprema sensibilidade poética
de corações apaixonados
pela magia indecifrável de sua beleza
natural, agreste!
Eterno encanto de viajores e navegantes
de rumos certos e incertos.
Caminho de navegações profícuas,
de cálida serenidade e macio langor;
dos naufrágios e sofreguidão infinda,
a acorrentar dilemas de tantas vidas
que se foram para o eterno,
deixando tantas outras vidas
estarecidas, melancólicas, feridas...
Entre tormentos e encantos,
eterniza-se o mar, ora calmo, ora bravo...
Seu rumo abrangente, seus animais enraizados,
de espécies tão diversificadas
e suas intempéries e marés borbulhentas:
a todos atrai para esse bélico,
de tantos mistérios e encantamentos!

Mar & Eternidade

Ricardo Mainieri

Contempla o mar
como último refúgio.

o céu
acima
a eternidade.
abaixo

Um salto e tudo
resolvido.

Exausto após revolver
tantos sentimentos.

No entanto, pensa:
a vida vale
mais uma tentativa...

O imaginário do navegador

Renata Iacovino

Nas águas do inesperado,
ele navega;
seu destino faz-se pelo inusitado;
sem medo, ele erra.
Quantas tempestades carrega a alma
do destemido aventureiro!
Seus sonhos construídos em alto-mar
atracam, após dias e noites,
numa calmaria sem par.
Orgulhoso por sua sina
ser de um mestre que conduz,
tanto os anseios de uma tripulação,
quanto os ideais de uma nação.
Vai, ser navegante!;
vai, ser errante!;
e que o leme que ora abraça nessas mãos
seja o troféu a coroar suas vitórias
e a promover todas as suas conquistas.

Cemitérios de navios

Fabiana Fraga da Rosa

Pelas garras do anoitecer
Mateio o passado solidão!
Navegando histórias naufragadas
Recordando funerais embarcações.

Numa restinga de vozes sussurradas
De gorjeios adormecidos, lágrimas cessadas
Aos violentos temporais, invernias
Afundavam navios e forças humanas.

Será vento, tempestade ou desatino
Velaram-se no inconfidente destino?
Foram muitos barcos e estrelas
Caíram às chuvas traiçoeiras!

Dizem por aí foram vinte mastros
Mergulharam no mar em chuvaradas
Levando ao fundo, tripulantes, murmúrios
Carregando proas, histórias e bandeiras...

Farol dos andantes do mar, fora inútil!
Ficara apagado tornando-se infortúnio
Naufragando errantes lágrimas humanas
Em horas derradeiras de desespero!

Mar fez-se cemitério navegante!
Algum navio afundou inocente
Quantas preces decerto fizeram os tripulantes?
Por certo, ao lado da Virgem protegem pescadores...

Cemitério de Navios... tudo é passado!
Fizeste história pelo destino cruzado
Certamente hoje não houve naufrágios constantes
É porque as almas rezam pelos navegantes!

Batalha Naval

Fábio Daflon

Oh! flor do céu! oh! flor cândida e pura!
Oh! flor fatal! oh! Vênus prateada,
diáfana no azul ou em noite escura,
ventre da luz nascida em geadas...

Teu rastro como um caule a bombordo,
na quilha do navio, corta o mar
em mil contas de vidro, com que bordo
o cântico sofrido por te amar,

sem ter a esperança de alcançá-la,
antes de a madrugada te esconder
na luz ou na adaga que açacala...

É um naufrago quem canta à tua malha
de luz, rede sem cordas, vou morrer.
Perde-se a vida, ganha-se a batalha!

Navegante

Leonardo Andrade

Eu sempre soube que nasci para navegar
Minha essência nômade nunca conseguiu se aquietar
As ondas me chamavam, eram meu ímã para o mar
Sem raízes ou âncoras, nunca aprendi a ficar.

Olhava para o horizonte onde céu e mar fundem seus
azuis
tatuava mapas imaginários em dorsos nus
Ansiava pelo inédito, idolatrava o desconhecido
ironizava qualquer tipo de medo ou perigo.

Queria espargir minha vida em diferentes corpos, línguas
e locais
Marcar minha passagem fugaz em qualquer cais
Deixar uma lenda viva em cada porto
meu legado para a memória depois de morto.

Deixar saudades e gritos do meu nome ao vento
eternizar cada segundo, cada simples momento
aprender diferentes ritmos no vai e vem de múltiplos
quadris
estar sempre todo, intenso, mesmo que apenas por um
triz.

São tantos mistérios a desvendar
tantos enigmas e esfinges a elucidar
Tantas terras, vidas e almas a conquistar
uma existência para passar no mar, ah .. mar !

Alçar Velas

Dimytryus

Quando o rumo das ondas nos perder
Quando o mar estreito parecer
E estreitar o peito ao coração.

É hora dos ventos consultar
Guiar-nos pela bússola
Encontrar um colo a nos amar.

Quando nos perdermos meio ao mar
E o coração afogado
Pulsar com as tormentas

É hora de alçar as velas
Alumiar o candeeiro
E nadar tempestivo rumo ao horizonte.

Quando o mar azulejar o céu
E o céu ao mar se misturar
O coração será mar, o mar revolto a pulsar.

É chegada à hora de amar com amor
De se apaixonar com paixão
De se entregar por inteiro.

Rumar o rumo dantes desrumado
Desestreitar o dantes mar estreito
E só assim encontrar-nos novamente.

Valas

Marcelo d'Ávila

Feriu-se
o ventre das águas
na fúria insana
do solo -
quebrando
o encanto
do verde,
jogando sal
sobre os corpos;
rasgando
velas e sonhos,
semeando
valas nos portos;
vertendo
rubros na areia,
secando
a vida nos olhos.

Vida de sereia

Maruska Abreu

Vivo ávida de mar
Ávida de vida

Ando pela praia como se nas nuvens pisasse
Olho para o mar como se ele me fitasse
Como se me encantasse

Respiro fantasias
Alimento-me de poesia
Bebo maresia

Ah! esse mar
Que tanto me completa
Que tanto me deleita
Que tanto me deleta

Vivo plena e oca
Leve e solta
E grávida de mar

Cato conchinhas
Mergulho nas ondinhas
Vejo as gaivotas e andorinhas

Vivo serenamente
Como se a eternidade fosse minha
E eu fosse do mar
Como uma sereia

Viagem

Valdir Azambuja

Num dia como este
Parti-me de minha terra
Chorando dores
Que ainda não sentia
Num dia como este
Cheguei antes de mim,
Onde não queria
E encontrei
Sem saber o que buscava em mim

O mar em mim

Sarah Jorge

E sentada em frente ao mar,
O seu único desejo era escrever,
Mas nenhuma palavra brotava,
Sentia-se seca
E ali ficou por algumas horas...
Olhando o vai e vem das ondas que batiam em seus pés;
Foi quando do mais profundo de seu ser,
Surgiram as tão esperadas palavras e sobre nada mais poderia falar,
A não ser daquela fonte inesgotável...

O Mar.

O Mar dos Amantes
O Mar das sereias, das loucuras de areia
O mar dos Apaixonados...

Inspiração para Poetas...

Medo para uns;
Festa para outros...

Beleza, profundidade e Imensidão!
Serenidade.

Azul como a felicidade.
Abrigo de amor.
Fonte de Vida.
Obra divina.

Quero navegar-me como se navega o mar.
O que falta é o mergulho.
Ainda submersa por tudo.
Algumas vezes me afogo e não encontro esse Azul.
Mais o quero intensamente!

Olhar para ele me dá forças para submergir.
O mar me faz acreditar na vida.
Ter esperança.
Acredita em Deus.

Mesmo com esse intenso medo que sinto de ti.
Gosto de te olhar!
Transmite paz...
Faz meu espírito respirar, suspirar...

Mar, meu amigo.
Ajude-me a seguir!
Me afogo dentro de mim e não consigo me encontrar...

Naquele segundo fechou os olhos e apenas uma lágrima caiu, ouviu o barulho das ondas e junto com ele escutou as batidas do seu coração. E no mesmo instante descobriu que era isso que faltava. Escutar.

Obrigada amigo, Mar...

Amor entre estrelas

Oswaldo Heinze

Que impiedosa sina
minha doce sereia
tu não podes ser menina.
E eu então?
Nunca me farei tritão
sou alguém das areias.

Mas enquanto de madrugada
as naus descansam seus mastros
nas areias ficam marcadas
o encontro de teus rastros
com minhas novas pegadas

e ali nos amamos tanto
sob um céu de puro encanto
que a noite parece eterna
mas ao ficarmos sozinhos
você sonha em ter pernas
e eu em ser golfinho.

E igual a gaivota que mergulha
desejosa de se tornar mar
e o mar que explode e borbulha
contra a pedra na ânsia de voar

também ousamos mergulhar
na carne um do outro
tentando nossas almas juntar
transformando nós.... Noutro.

Terra amada

Alessandra Cezarini Araujo

No imaginário do navegador encontro-me numa Nau em deriva.

E eu ali no cais...

Viajando por sobre as águas num oceano de emoções.

Açoitado constantemente pelas ondas da frustração e pela tempestade da cólera

Exílio de canções e poesias

Saudades da Pátria...

Vejo ao meu redor Caravelas tendo como entre seus capitães... Luiz Vaz de Camões e Fernando Pessoa seguindo calmamente rumo ao horizonte

As caravelas permaneciam no seu rumo ininterrupto, e fico mais fascinado ainda ao perceber que conseguiam atravessar as inconstantes das tormentas tendo as poesias como guia.

Fiquei abismado ao perceber que era apenas Eu que provocava toda essa fúria que me encontrava

Uso a esperança como minha luneta e olho para o firmamento em busca de minha estrela guia e vejo no horizonte meu porto seguro na qual seu nome é Amor! O mar em fúria que me encontrava não mais existe e a tempestade dissipou-se por causa da alegria que invade meu ser...

Estou agora no mar calmo e tendo a minha Nau sendo levada pela brisa da felicidade

Rumo ao encontro...

Da Terra amada- Terra de Portugal!

Navegantes

Marlene Inês Kuhnen

Navegantes!
Ao mar em desafio ao imaginário
De Belém ao Seguro Porto
Trovoadas marinhas
Mortes e vidas...
Indo e vindo em turvas ondas
Tal qual o medo escondido por entre
Gengivas, desafiando a morte pelo simples desconhecido
Imagens fulgurantes de dantes sonhadas
Sonda por entre homens apertados e cansados
Inquietos pela nova terra...

Ecoa pelos atentos ouvidos
Leve vento a crescer assustadoramente
Como uivos marinhos
Alto, tombadas pra lá, pra cá
Bailando ao mar sem nada, horizonte acossado
Palmas vibrantes: crueldade consumindo almas errantes
Bradas de aventura - Homens gloriosos pelo sonho
Viajantes de espada de aço num fio de aço ancorado no coração
Gargantas turbulentas e lentas, secas...
Um gole raspando a corrente que encontra
O rasgo fio apavorante; fluxo tênue de líquido

Ah, que me ponho a sonhar...
Com frios homens bravios prazenteiros
Rarefeitos, diluídos
De olhos calejados, salinados
Emoções não contidas na ansiedade
Do prazer satânico e sacro
O Novo - O Medo
Grito de tantas léguas no tempo!

Veneração

Karla Hack dos Santos

Uma menina fita o oceano,
Ao longe reza pelos barcos.
Sabe ela que são seus sonhos que os barqueiros
conduzem;
Sabe ela que estes homens não são homens,
São anjos
Que na praia recolhem preces;
Sabe ela que Deus não mora no céu,
É no mar que Ele se esconde.
Ou então porque aquela água seria salgada?
São as clamações humanas que O fazem chorar.
Uma menina fita o oceano
Esperando a volta dos barqueiros,
Rezando para que seguros estejam,
E para que tragam a resposta divina
Quando aportarem novamente.

Minh'alma

Ricardo Santos

Tu és poeta, alma minha.
Teu jeito contenta,
descontenta e desalegra.
É a fragata da incerteza que
navega e vacila sem medo
pelas águas da escuridão.
Para ti turba maldita, não
poetizarei um único verso.
Fingidor, eles me imaginam
Um lunático tomado por louco...
Malditos sejam eles, e vocês.
Estou apenas para as estrelas e
a chuva que arde em diagonal.
À venda por vinténs não estou.
Fiel, apenas a liberdade almejo!
Sereias do Reno! Dentro do
coração e d'alma revelam-se
as palavras de um poeta.

Espuma branca

Néia Pinto

Hoje eu sou só metade
Olhando essas águas sem fim
Lembrando que aqui brincamos
De rodar até cair
E você fingiu ser anjo
Abatido por mil querubins
Sonhos na beira do mar
É meu jeito de reviver
Pra não chorar
Espuma branca deixada na areia
Aonde o mar vem e passeia
Num balançar te beijando
Refrescando toda a orla
Só não refresca a saudade
Que mora em mim agora.

Nas ondas da net

Janjão

Aperto dois botões, abre-se a tela de
Diversos tamanhos e em máquinas várias
Uma senha para o início da viagem
***** , um enter, e a bordo estou

Como bom marinheiro um check in
Nas mensagens, digita-se @ e
As informações fluem com naturalidade
E assim também mando meus e-mails

Um link para as notícias do dia
Um outro para o resumo das novelas
Ainda outro para a pesquisa sobre Pessoa
Aos ouvidos um download para o último Caetano

No Messenger um inglês se conecta
E diz ter gostado de minha música
No orkut amplia-se meus amigos
E me delicio nos debates das comunidades.

Crio uma website, com fotos, textos, vídeos
Na home page uma apresentação digna
Da abertura de um espetáculo na Broadway
Cheia de hiperlinks, hipermissão e hipertexto.

Uma manutenção na hardware se faz necessário
Um anti vírus se renova de tempos em tempos
Para se proteger de programas de micros
E dos hackers, piratas do espaço cibernético.

Navego pelos quatro continentes
Em Paris, lembro da queda da bastilha
Na África negra, militância contra a fome
No Iraque ajudo a acabar com a guerra.

A velocidade da Banda Larga
Vários megabytes, espaço para produção
Em meu disco rígido, suficientes
Para não travar ou dar pau na CPU.

Navegar é preciso, viver ainda mais
O conhecimento infinito, a poucos
Centímetros de distância, fazem
A informação, fonte de Revolução.

Oceano interior

Vitor Souza

Ele olha à sua frente antes de entrar
Sente nos olhos e na alma antes de entrar no mar
O frio da água, o gosto do sal
Antes de buscar
Antes de entrar.... novamente pensou
E lembrou....
Que já entrara antes naquele mar
E viu, e sentiu... e chorou

Quando entrou no mar, de outra forma
Em sentimentos e expectativas,
Buscou o novo....
Desceu nas águas profundas
De seu cérebro.... do seu coração
E tentou alcançar
Até onde a vista não alcança
Até onde o suspiro não ultrapassa
Até que o ar lhe faltou
A água o segurou
As ondas salgadas o calaram
E com sua viagem acabaram....

O prazer esperado
A novidade que ele não sabia o que era....
Mas desejava....
Uma nova vida, um novo dia...
Algo além do horizonte daquele agitado mar interior

Mas agora, ali parado, segurando a respiração
Frente ao outro mar
Fora de sua mente, mas próximo ao seu coração
Ele aguarda o momento... de viajar.

Nova viagem, que lhe trará algo novo.
Não o novo que ele tentou alcançar quando buscou
Uma nova vida, quando quis ir além daquele outro mar
O novo que virá, o novo oceano
Já não lhe traz tanta expectativa

E assim, misturando uma lágrima ao sal que chega aos seus pés,
Ele caminha... molha-se.... vê o novo assim que a água salgada
Cobre sua cabeça.
Ele solta o ar
Deixa de respirar....
E se apaga
Dentro do mar.

Um homem olha o céu sentado em seu barquinho...

Gabriella Slovick

Ele foi um pescador que amava o mar.
Não pescava quase nada; seu prazer era apenas navegar.
Solitariamente perseguia as estrelas que invejava ávido por tê-las,
sofrendo a dor como todos invejosos.
Seu maior sonho era alcançar o horizonte antes do sol se deitar..
As velas do barquinho permitiam que os ventos os arrastassem para longe,
mas não tão longe o quanto esperava,
pois o homem está sempre insatisfeito com seus feitos e sempre espera ir além, mais
além, um pouco mais além acreditando conhecer os caminhos.
Não sabe que direção seguir, mas diz conhecer seus percalços;
semeia com a certeza da boa colheita sem escolher os grãos,
mas diz conhecer o sabor de seus frutos.
Dormia às noites debaixo de um céu faiscante
num mar a balançar como quando deitava na rede e afagava os filhos.
Pensava enquanto navegava, enquanto cobiçava as estrelas,
enquanto vislumbra as cores que em seus pensamentos coloriam a realidade ...
Pensava no que dizer à mulher, ansiosa pela pescaria,
que ficara no mar para descobrir se ele realmente existia?
O que diria a mulher?
A verdade é que ele muito mais queria!
Estar sempre em alto mar ao meio-dia e à noite desfrutar o cheiro e maresia;
ouvir as sereias e divagar.
Ele foi um pescador que brincava com as baleias e falava com os golfinhos.
Sua verdadeira casa era o Oceano,
mas sempre que chegava à casa igual a que todo mundo tem,
contava para as crianças sua impressionante aventura
enquanto a mulher fritava na cozinha barrenta as postas do dia.
E então falava, falava e cantarolava suas histórias que além dele,
somente os pequenos acreditavam.
Adormeciam embalados pelo estômago "forrado" e a alma cheia de alegria.
O sol ardia e o pescador agradecia.
O homem zela por tanta porcaria que esquece o fato de que existe o dia.
Ele foi um pescador..
Vinha e ia do mar com sua rede, com sua cesta,
com o alimento para sua família até que não voltou mais do mar com sua rede, com
sua cesta e com o alimento para sua família.
Muita coisa se falou depois que ele do mar não voltou.
Uns diziam que ele foi levado por uma luz que veio do céu;
outros diziam que foi uma estrela que havia caído sobre seu barquinho;
outros que a baleia o engoliu vivo;
outros ainda diziam que foram as sereias o arrastando para bem fundo .
Muitos diziam que simplesmente ele foi embora sozinho.
A mulher sofria e seus pequenos choravam e cresciam e um dia,
um por um foi para o mar aonde sabiam que lá era o lugar para encontrar
o comer e acreditavam visitar o pai todos os dias.

O navegante

João Manoel de Oliveira

Estou cansado de navegar!
Meu barco vive empoeirado,
A tempestade não dá trégua, o balançar da embarcação
causa-me enjoos.
Estou cansado de navegar!
O mar incessantemente se revolta ao meu favor,
E eu sempre inútil, pequeno, contra esse mar de
concreto e ferro.
Estou cansado de navegar!
A saudade de vez em quando passa na forma de
andorinhas,
E ao olhar para o céu vejo tantas aves de diversas origens,
que não consigo me acostumar.
Estou cansado de navegar!
O sol demasiado quente e eu à deriva do destino.
Essa imensidão cansa, sinto imensas dores de cabeça.
Estou cansado de navegar!
O silêncio à noite às vezes distrai,
Mas de manhã tudo se renova.
Estou cansado de navegar!
Quero ouvir o canto da sereia, que há tempo se foi,
E chegar algum dia quem sabe, em uma formosa ilha sem
dono.
Estou cansado de navegar!
Levanto minha caravela às cinco horas da tarde e espero
o vento do leste chegar.
Pra onde vou? Não sei. Afinal, o que eu sei do mar?
Estou cansado de navegar!

Nau sem descansos

Carlos de Hollanda

Em silêncio e lento se aprofunda
pela pele de águas,
essa líquida estrada,
o rei deposto dos navios.
Com seu corpo de espuma
branco, azul, infinito,
riscando nuvens seus mastros,
um dia nau, no outro caravela,
apanha nas velas o sopro dos ventos e dos tormentos
de flutuar sem descansos
buscando terras de paz.
A proa ponta de faca fura o espaço à frente
e o submerso calado
no destino se absorve
e corre vagaroso e preciso.
Crivadas em seu convés
vão todas as poesias
e vãos, seus tripulantes,
são todas as calmarias.

O mar

Kastrowiski

Minha amiga...viajemos (rápido) para o desconhecido
Em terra firme não estamos em paz.
O mar vai curar nossas tristezas e feridas
E dos amores perdidos não sentiremos falta.
Venha, venha para os mistérios do mar
O horizonte para recomeçarmos
Sem pecados e pudores uma nova vida.
Navegaremos sem destino
E não teremos porto;
Outros amores serão possíveis
Para nos acalmar essa tempestade
Que é dor de viver.
Vamos minha amiga, sem perda de tempo...
O mar nos espera
Para quem sabe nunca mais...
... Nunca mais nos devolver.
Será o mar a nossa liberdade
Ou o castigo eterno...
Nada mais importa além do desejo de ir ao mar.

Oceanos

Carla Ribeiro

Sonhei com ventos traçados sobre o teu corpo de nau
E com vagas revoltosas inundando a tua pele.

Fechei os olhos aos oceanos do teu corpo
E esbati-me na tua maré,
Como praia ancorada nos confins de uma quimera,
De um sonho mais além.

E abri portas de sonho na rebelião das tuas águas,
Mundos desconhecidos na fantasia da tua voz,
Rasgando em terras do além o eco da minha mortalha
Para encontrar nas tuas velas
A rubra cruz da minha linhagem real.

Sonhei contigo entre as brumas de uma batalha deserta,
Num campo de mar.

Navegar é preciso

Paulo Roberto Ferreira

Foi assim como arquitetos de um sonho
Que antigos navegadores
Subiram à proa...

Olor do mar.

Desta primeira Odisséia,
Permanece o sentimento,
Saudade.

Mar de vagas ondeantes
Estou à espera.
Ondas do tempo.

Mar salgado
Mar saudade.

Naveguei sim

Ricola de Paula

Por suas encostas,
cartas com gaivotas.
Riso, vulva, pele, algas,
seus seios velas içadas.
Muitos mistérios
teus hemisférios.
Meu peito aberto,
Seu casco salgado.

Viajo

Nere Beladona

Como uma criança
Viajo na vida,...
Num barco de papel,
Desfrutando continentes,
Saboreando a travessia.
Navego nos sonhos,
Mas com ideais
Da conquista do amor.
Rompem-se as ilusões,
Deixo as distâncias
Nas aventuras dos mares,
Do imaginário navegador.

Navegar é viver

Adriana Pavani

O navegante sai para o mar
Sem saber o que vai encontrar,
Como quem nasce para a vida
Sem saber o que lhe espera na partida,
Ou como quem fecha os olhos para encarar a morte:
Sem saber se será assistido pela sorte.
Carrega no peito os sonhos de vitórias,
Levando avante sua busca pela glória
Carrega o anseio por conquistas,
Levando o amor de sua benquista.
O que vai encontrar como destino,
Apenas o futuro responderá.
Não se sabe se cometerá desatinos.
Apenas navegar é única certeza que há.
E o coração do navegante bate como o de um menino,
Só de se imaginar a navegar...
É necessário viver para navegar.
E navegar para viver.
E se já disse o poeta,
Que “navegar é preciso”
Bem mais preciso é viver.

Corsário enamorado

Laura Guerra

Em nome do Império,
Senhor dos Mares
de porto a porto abrindo caminhos
Singrando esses bravios oceanos.
Cavaleiro valente;
Herói para muitos,
vilão das multidões,
A Fé um negócio. Cruz, coroa e espada.
Por mares de sangue a atravessar
pilhando, tramando, conquistando enfim.
“Sua vontade é meu comando, Majestade.
Seus favores, meu prazer.”
Em nome do Império,
pela Honra e pela Glória
e o Amor da maior das mulheres.

Movimento

Micheli Zamarchi

Mar em movimento.

Ir e vir de lamento em ondas.

A respiração da natureza pulsando através do balanço do mar.

Mar esse que é vida e multidão, ponto na terra de purificação.

Fortalece, tonifica, lava a alma de quem, porventura, se aventura em suas águas navegar.

Mar esse que não cessa, mar esse que entra em fúria, mar esse que penaliza quem se atrever a desrespeitar.

Horizonte azul

Elisabete Antunes

Horizonte azul
Ondas que brilham no olhar

Sonho de aventura que se avizinha
Excitando os nossos sentidos
Incitando-nos a navegar

A partir para além das nuvens
Que o nosso olho consegue alcançar
À conquista de brilhos maiores
Ouro, prata, esmeralda, rubi

Vontade insaciável de partir
À descoberta de novos mundos
Outros mares, outras culturas
Novos tesouros, novos sonhos

Sempre a partir, mastro à vela
Olho no futuro, aventura sem fim

Imigrante açoriano

Artur Pereira dos Santos

Desejos incertos no limiar dos sonhos
Nos carregados mares das dificuldades
No infindável tempo de tuas lembranças
Acorrentados nas promessas feitas
Navegavas nas ondas de tua esperança.

Seguias o destino pelo Rei traçado
De nada sabias das necessidades
Que te esperavam na prometida terra
No navegar difícil, no sentir saudades.
Era a esperança o porto desejado.

Lavada pela fé era a tua vontade.
Deixavas atrás o azul das ilhas
Brumas tornava longínqua a Faial
Seguias navegando lembrando Terceira
Sabendo que nelas não pisarias mais.

Nau catarineta

Nilton Maia

O lápis rombudo, o pedaço de papel,
O banquinho onde me sentava ao teu lado.
E as letras irregulares que marcavam
Mais em mim, que no papel,
A história da Nau Perdida.

“Alvissaras, meu Capitão,
Meu Capitão General.
Já vejo terras d'Espanha
E praias de Portugal!”

Pois é...
A ponta do lápis quebrou.
O papel com os garranchos sumiu.
O banquinho, o tempo comeu.
Mas a Nau ficou cravada em mim,
Como um sonho.

Ah, Catarineta,
Quisera ser teu gajeiro
E também avistar
Terra firme!

*Para José, meu avô,
In Memoriam*

O imaginário do mar e do navegador

Marta Rodriguez

A bordo de sua embarcação
O viajante dos mares,
Acena a seu amor, que em terra firme
Ansiosa por seu retorno ficou...

Enquanto quê: - o seu coração
Sobre as águas cristalinas da saudade já flutua,
Rumo a um destino imutável,
Deixando a sua amada,
No silêncio da recíproca solidão...

O seu olhar antes iluminado,
Agora se distancia apagando
Sob os olhos marejados,
De quem se vai, na incerteza,
Que seguramente nos braços dela,
Novamente aportará...
No vai e vem das ondas de um oceano brumoso,
Segue-se à risca os planos
De uma expedição obrigatória,
Sob a triste canção das águas dançantes
Sob o casco de seu navio nômade...

O comandante de alma solitária
navega levando consigo o desejo constante
De um retorno breve e triunfante...

Eis então, que ordena,
Que se siga avante e confiante...

No coração flutuante,
Um apinhado de sentimentos que se confundem...

Ora sob o esplendor de um dia ensolarado,
Ora sob a fúria das torrentes das tormentas
Que ao passar violenta
Difunde num céu de esperanças,
Tons de matizes ora cinzentos,
Ora de um brilho tremeluzente
Expondo a Lua que vem consolar-lhe,
Trazendo consigo o semblante daquela
Que ficou além do horizonte descontente...

O céu irrequieto acompanha a jornada,
Enquanto quê: - ele, sob o silêncio do convés
Navega à deriva num mar de saudades
Com olhos fixos em busca de uma estrela cadente
Desejando retomar o leme do coração e,
Seguindo a rota orientada pela bússola da paixão, voltar...

É lá, em terra firme
Que ficaram os seus sonhos mais coloridos
Agora submerso pela imensidão
De um oceano sem fim...

A viagem segue,
O coração sufocado suplica ao Alto
Que lhe poupe a vida,
Para que sua missão seja
Mais uma vez bem-sucedida,
E que seu aporte seja unicamente
Nos braços de sua mulher amada...

Partida

Jorge Potier

Infinito é o mar
imperscutável seu seio
e quem quiser navegar
não o pode comandar
é um cavalo sem freio

Navegar é a partida
em direção ao futuro
uma escolha presentida
que um dia se faz na vida
é atravessar um muro

Vencer barreiras e medos
ignotos, feros, profundos
ir desnudando os segredos
ir suportando degredos
conquistando novos mundos

Pelo prêmio disputado
- isto nem é novidade
paga-se um preço elevado.
Pelos deuses inventado
Há um castigo a saudade!

Mar de amar

Deo Sant'Anna

Velas ao mar!

Mar de amar!

Não há outro mais completo mar,
Nem mais desconhecido
Que o mar de amar!

Profundo e raso,
Nas superfícies e profundezas
A mostrar belezas,
Exige cuidados,

E os perigos!...

Dá medo até imaginar
Nas tormentas que há,
E causa medo nas calmarias!
Mas não há,
Mais agradáveis zéfiros
E suspiros!
Nas noites e dias
Do mar de amar!
Nem brisa mais doce,
Nem céu mais bonito,
Nem sol com mais brilho!
Em tudo parecido
Com o oceano e mais imenso é o mar de amar!
E ninguém sabe tudo
E aprende de todo navegar,
E no entanto,
Navegar é preciso,
Pois não há vida sem viajar
No mar.
Mar de amar!

Meu mar

Silvia Pina

Imensidão sem fim.
Águas implacáveis me deglutem,
Caio na profundidade do teu poder
Perdida no teu sal
Que me matura.
Na tua fúria, que não protela, me percorres.
Eu, perdida em agonia,
Arrisco te conter.

Vã tentativa.

Desfaleço
E me deitas na areia,
Praia mansa
Depois do teu furor.

Sobrevivo à tormenta
E te contemplo
Em paz.

O navegador das galáxias

Rodrigo Cancelli

Certo dia comecei a perceber os jardins e as microscópicas coisas que ali moravam, analisei as plantas e tudo mais por igualdade.... Percebi que mesmo na beleza da vida, ali expressava-se com conectividade sutil entre a evolução e a evolução.... Era trêmula por entre olhares.... Cíclica quando as folhas soltas ao chão.... No início e no fim; ou o fim, como início de muitas possibilidades!"

Observo o poderoso instante,
Do lento cair e subir dos dias, lá....
Por aqui margeio quadrilateralmente,
Boba ideia de simetria,
Acaso perpétuo de acasos,
Navego....
Por lá circunscrito imagino,
Descrito em voltas,
Voltas e voltas....
No Oceano globo de partículas,
Extraterrenas terráqueos caminhos....

Era de esperança

Bento Ribeiro

Um mar inteiro pro marinheiro, mas ondas de solidão
Florestas inteiras pro carpinteiro, moldando a devastação
O céu inteiro para o sol espantar a escuridão
Esperança irmão!

Estar só, somente sonhar
Me dá dó, ver o outro chorar

Um mar inteiro para o marinheiro e marés de compaixão
Florestas inteiras para o carpinteiro, suor vira solução
O céu inteiro para o sol, sistema e constelação
Força irmão!

Conta-gotas pra encher o mar
Infinitas chances para quem sonhar

O segredo guardado nos antepassados
Virou um continente de sabedoria
Poder, manipulação e ganância
Geram rebeldia
Luzes no horizonte
Podem mostrar-nos a direção
E é tri-bom sempre ter amor, paz e fé no coração
Faz bem pra ti e pro outro
Livra-nos do sufoco
De não ter esperança
De não ser inocente como criança
Mas...
Uma ilha distante esconde beleza rara
Medita, para a mente diz para

Yemanjá e Oxumaré

Syl Signoretti

Meu espelho é arco-íris
Minhas águas sob sua ponte

Meu barco é nau sem vela
Sigo/ciclo à deriva...

Meu barco é coração machucado,
Refém do tempo
Submerso em lágrimas/águas
Do oceano dos seus olhos

Meu barco é navegante
Casco flutuante
Adorno de minhas marés,
Onde sou tripulante
Escrava e mulher,

Tempestade leva-me!
Ondas gigantes de uma dor imensa,
Acordo na costa norte
De um pacífico sonho,

Você, meu comandante,
Senhor do meu céu,
Meu Oxumaré!

Horizonte sem fim

Márcia Gularte

Navego na folha de meu ser, nu, branco, puro,
aberto, infinito
Não sou folha ao vento, sou obra criada, delineada,
traçada, equilibrada no tempo
Destino certo, preciso, sem manobras, sem riscos
Navego em águas douradas, balanço meu barco,
vento nas velas, noites e dias sem fim
Aguardo, não temo, o Horizonte sem fim...

Maré cheia, maré vazante

Graça Brito

Vem do mar, maré cheia
Por estar a sua beira
Lua cheia e azul
Transbordo em arrebentação
Ondas permeiam meu pensamento
Invadem a orla do meu coração

Quando no tempo da maré vazante
Olhando a imensidão da areia
Lua vermelha minguante
Correntezas varrem a margem
Distanciam o firmamento
Da minha praia

A inutilidade do adeus

Felipe Basso

Para que dizer adeus?
A palavra não impede
a partida
nem tampouco mede a dor
da despedida.

Para que dizer adeus?
Guardar a lembrança
Tal talismã da felicidade
Ou inventar saudades
e chamá-la de esperança?

Para que dizer adeus?
Para provar que se amou
ou que o amor se perdeu?

Paixão em alto mar

Alexandre Camargo

Atraídos pela visão
Com o sentimento ardente no coração, lançávamos na
escuridão
Repleta de ausência e de medo
Buscando coragem na imagem
O frio era apenas um passageiro indesejável a bordo
Homens loucos que se lançam ao mar
Com um sonho transformam-se em águias
Atravessam oceanos superando a dor e o medo de um
engano.
O preço alto pago nesta genial aventura
É o exercício da fé que encontra montanhas
Depois de dias navegando em alto mar.
Pura paixão
Uma caravela e seu homens apaixonados
Transformando sonho
Em realidade

Foz

Tchello d'Barros

a
foz
do
rio
que
flui
do
meu
ser
vai
até
o
mar
em
que
tu
és
a
nau

Ao aportar

Miguel Ricardo Patricio

Terra à vista!
Vamos arriscar?
Será grande a conquista!
Vamos, Lobo do mar!

Sejamos cautelosos
Nessas terras desconhecidas!
Mas sejamos pretensiosos
Por vitórias merecidas.
Ao aportar, poderemos ser infelizes
Mas a felicidade tem seu valor!
A mestre, só chega que já foi aprendiz
Da dor, da lágrima ou do amor!

Nesse oceano de sentimentos,
Todos aprendem a navegar,
Mesmo com uma onda de sofrimentos,
É na dádiva que ainda iremos aportar!

Imaginário do Mar

Priscila de Loureiro Coelho

De início ondas rebentam sob meus pés
Refrescando tanto quanto seduzindo
Conduzindo-me aos poucos para mar aberto
É certo que aos poucos muda-se o “viés”
A água agora, vai me engolindo
E o corpo lasso queda-se encoberto

Súbita alegria envolve minha alma
Atiro-me confiante sob as águas
Num arabesco quase engraçado
Naquele instante saboreio a calma
Que em meu peito deságua
Sentindo-o livre e desembaraçado

Sem saber toco o inatingível portentoso
Posto que nas profundezas do Mar
Encontra-se infinita magia
Navegante deslumbrado e curioso
Entrego-me sem medo de explorar
Inda que subjugada por atípica afrasia

Estranho silêncio no oceano se faz notar
Onde a vida se impulsiona imersa e latente
Como a tecer com paciência o dia a dia
Identifico-me com este universo singular
Que se mostra objetivo e transparente
Fonte infinita da mais pura energia!

Mar de pensamento

Bibiana Lubian

Navega e deságua em Oceanos distantes,
Que não teria coragem de atravessar duas vezes.
E quando vimos nem sabíamos; já estávamos ali.
Como o carvão riscando uma parede, seguimos a
alegria das crianças.
Pensávamos aonde nos conduziam realmente?
Perguntamos nas primeiras noites.
Subíamos e descíamos; alto e baixo não virar.
Deixamos a memória de lugares, palavras que em
mim entram.
A saudade avassaladora, dura e sem piedade.
Com espuma fria na boca de desespero,
Aberta de quem se afoga e nada vê a sua volta.
Além do imenso mar,
Despojando todo o sentimento inquietante ao vento.
Navega apressada a Nau adiante,
Sob sóis aduncos, o tempo repele e atrai.
Aportamos; e ali ficamos, calados...
Com os olhos sem angústia,
Sem esperança, os corpos extenuados,
Já sem nenhum sono para dormir.
Inventamos destinos,
Colecionamos: Gente e frases,
Do lugar de onde nós e as coisas pertencemos.

Navegando nos sonhos

Neuza Pinto Nissen

Ancoradas estão as belas caravelas
Que flutuarão por mares desconhecidos
Europeus portugueses serão a tripulação
Marinheiros, soldados, padres, médicos e o escrivão
Que tudo registrará sobre a navegação
Amada Pátria é preciso partir
Novas rotas marítimas descobrir
Direto às fontes orientais
Para na volta transportar, canela, pimenta, gengibre e açafrão
Não esquecendo os instrumentos de navegação
A bússola, o astrolábio e a balestilha
Lçar âncora, ordena o capitão
É preciso conquistar novas terras, outros espaços
Em busca de matéria prima e metais preciosos
Seguiremos a navegar, na fúria do mar revolto
Temerosos dos monstros que brotam das profundezas do mar
Chegando com a noite a nos assombrar
Que o canto da sereia envolva-nos de magia
Até a Pátria retornar, desta linda fantasia
Depois de novas terras encontrar.

Na Essência do Homem-UniVerso

Bela (Isabel Amaral Martins)

Sou o mar que agora avista, em parte, alcança
Escandalizando-te a frente
Pois que se deslumbra aquele puro de alma.
Chama-me que encubro de todo teus medos
E, outras vezes, te empresto os meus.
Estás aqui de eterno
Ainda que não para sempre
Mas, agora, é infinito...
Compartilha teu desejo
Feito poder
Que meus encantos de vastos séculos
Abençoam todos os teus querereres.
Dou-te brisa...
Dou-te trégua...
Da paz das baías
Ao sonoro requebrar das ondas...
E, no recuo das marés,
Onde me buscas como ao teu retorno...
Tua inspiração, segredos de uma vida inteira...
Sou tua mãe, teu seio, a tua companheira...
Eu sou.

Mar mulher

Sandra Veroneze

No dia em que assumiu um gênero
O mar pra mim se fez mulher
Mar terra mãe
Mar água confidente
Mar ar amiga
Mar fogo amante
Mar mulher
Mar eu
Mar em mim

Maré dos sonhos

Laura Silva de Souza

Barco perdido
Nas águas serenas
De um mar infinito

Leva nas ondas a saudade
De um tempo de sonhos
Nos embalos da maré

Um pescador solitário...
Vai saindo, sumindo... No horizonte

Alguém o espera com muita emoção
Dia bem vindo
O abraço na areia
Uma grande sereia e seu pescador
Vivendo nas areias um grande amor

Saber amar o mar e o amor

Marcial Salaverry

Existem aqueles
que no mar encontram a felicidade,
seu alimento, algo para amar...
Para a vida, a alegria sabem encontrar...
Se no amor, encontram apenas dor e tristeza,
no mar, eles tem a certeza
de que algo acontecerá...
Se no amor, não se sabe o que virá,
no mar sempre tem seu refúgio,
pois o mar não tem subterfúgio...
Tudo na vida tem dois lados,
podem ser felizes, ou não, os apaixonados...
E no mar, podem a vida encontrar,
se souberem com ele cohabitar...
Mas se não o souberem respeitar,
a morte e o desespero podem lhes vir buscar...
Eu adoro o mar, e amo o amor...
Entendo e respeito o mar,
e respeito e entendo o amor...
Esse é o sábio viver...
O mar, respeitar e amar...
No amor, saber amar e respeitar...
é tão fácil saber viver,
e bem sobreviver...

Navegar

Débora Villela Petrin

As terras descobertas traçam as linhas de vidas passadas,
Quanta areia cabe em um coração despojado de rancor
Banhando as artérias despoluídas de dor
Barco navega com a vela acesa
Bate em pedras, e sobrevive a ira da natureza
O mar espelha as esperanças dos olhos atentos
Desprovidos de armas embala o som do pássaro
Conjugando a sintonia de um tributo ao amor
Espalhadas pela espuma que de tão fina
Exala a sensação do fim de um caminho
A vela se apaga e as terras renascem ao redor do barco
Embrulhando o presente da conquista
No navegar eterno.

Tema livre

The Elephant

Sandro Kretus

O elefante caminhava pelas ruas
E todos olhavam para ele com desdenho
Onde está indo este elefante?
Perguntavam uns aos outros
Como se o elefante fosse uma criatura horrenda
Maldito seja esse elefante!!
Gritavam as pessoas, indignadas
Incomodadas com sua presença
Assustado, o elefante apertou o passo
Ele olhava com os olhos lagrimejados
E só enxergava ódio no olhar daquelas pessoas
Por que me olham assim? Pensou ele
O que eu fiz de errado?
Será que sou tão diferente delas?
O elefante seguia
Sem entender o motivo
De todo aquele ódio
Por onde ele passava
As pessoas se afastavam
E o ofendiam
Com palavras pesadas
Uma angústia foi tomando
Seu peito
Fazendo-o diminuir o passo
Ele então olhou para trás
Como num último
Pulso de esperança
E ao não enxergar nada
Além de maldade
Fechou os olhos
E se jogou na frente
Do primeiro caminhão que
Passou na estrada
Todos ficaram indignados
Com o elefante
Algumas pessoas
Se aproximaram para
Ver o imenso cadáver
Extirpado no chão
De repente
Aglomerou-se um numero
Grande de pessoas
Um padre fez o sinal da cruz
Um advogado afloxou o nó da gravata
E um garotinho, apontando pra cabeça
Aberta do elefante, disse:
- Veja mamãe! Como era grande o cérebro dele!

Elegia introspectiva

Jefferson Carvalhaes

“A história é um pesadelo do qual quero acordar”
James Joyce

Busco oportunos traços que segundo o anfitrião rolam numa
cobertura esbelta e
[deslumbrante sob o território adjacente
Numa crosta de indícios taciturnos absorvo construções duras e
políglotas
Mas os fariseus são ainda mais repudiados pelas suas tórridas e
vagas locomoções
[desnutridas de faixas rochas
Não mais salientado de eclesiásticos tiroteios saltitantes em
correteronteos ásperos,
[mas sim nas placas de farturas astecas.
Como diria Sir James Joyce:
-- A história é um pesadelo do qual quero acordar
Maldito pesadelo!
Qual especificamente?
Vida.

Natureza

Natália Alves

A natureza é tão bela
Pena que não a vejo
Minha existência é tão fraca que sinto
Que caminho todos os dias para a morte.
A beleza que vejo
Não existe em meu coração
Só há existência nas flores, no mar,
Em tudo que há natureza,
Mas em tudo que há humanidade
Só há inexistência.
Como são belas as árvores que estou a olhar!
Como é nítido o caminho que me espera
Sol no céu
Sol no asfalto
Lua em mim.

Não-existir

Sw Castilho

Teu corpo reparte o rascunho do tempo
Quando dormes
Se acomoda no

Não-existir

Tua cama é um berço,
Um lenço.
Tua pele é um incenso
Que não deflagra
Não permite que seu cheiro
Se misture com o ar.
Purifica-se a si mesma

Constantemente

Suja meu papel com sua
Individualidade.

Chuva, Chuva, Fuja!

Rodrigo Capella

Raio de brilho omissos,
terra, de mim desgastada,
entre ofícios e ócios,
vida apagada.

Tempo de ternura e agonia,
vento com chuva carregada,
prefiro momento controlado,
vida, tempo confiscado.

Quadro sem luz,
caminho tortuoso de moral.
Ternura, agonia, fuja,
enquanto é carnaval.

Paixão

Lin Quintino

Sobre a mesa de vidro,
um copo de vinho descansa.
Lá dentro,
em vermelho encarnado
uma gota de sangue
colhida do coração repousa.
Uma lágrima
que me escorre dos olhos
Traz saudade de longe.
Uma fresta na memória
guarda um pedaço de lembrança
minúscula chama
que acende o coração
e incendeia o peito.
Tudo tão simples
A paixão veio à minha casa
Apaixonar-me

Poetas e porcos

Antonio Ó Urso

Escrever é como atirar uma pedra
Na imensidão que divaga,
E perde tempo discutindo
Temas importunos

Infiéis cegos
Inúteis intelectuais

Certos, só os porcos...
Que fuçam no que acreditam
E só param quando
Saciam a fome

Enquanto alguns esperam por Deus
Outros fuçam a lama
Enquanto alguns filosofam
Outros vivem!

Na imensidão desta ironia
Encontra-se o poeta

Perfume

Pam Orbacam

Saudade do seu perfume: volátil.
Vontade do seu corpo: cálido.
Cobiça pelo afago: doce.
Onde está você?
Saudade e sede da tua boca: nascente.
Como se guarda um cheiro?
Como se guarda um sabor?
Como se guarda um calor?
Onde está você?

Poesia local

Denis dos Santos

Ainda morro abaixo
montanhas recicladas às cinzas
seguem a bramirem lavas
das entranhas cuspindo ardor
em nacos fumegantes de brasa:
mora vivaz e ardorosa,
lume brilhante do foguista,
fugoso e ardente apaixonado,
assopra na fogueira das paixões
o assento da língua de fogo
lavabundas a céu aberto,
lavabo de cantares noturnos,
lavapés na caverna areiada,
adventos de vapor entremeados,
e cada lenha em seu laurel
enseja, nas brisas encontradas,
as chamas de fogo amor.

Vento dos desejos

Liana Zélia

Noite de volúpias
Desejos carnavais
Do querer pele sobre pele
Pulsações entre pulsações.

Eloquente dança entre nossos corpos.
Da música das respirações ofegantes
do toque, dos tons dos beijos
descontrolados no auge da sinfonia.

Descobrir o som do teu prazer
No delírio da posse
Descobrir o teu corpo e o perfume novo
transpirados na carne.
O sabor quente de o te ter.

Nesta noite onde os ventos trazem sensações
Minha cama é uma eterna solidão
A tua espera.

Insanas e fascinantes

Cislaine Bier

Elas tudo fazem
Para viver um grande amor.
Seduzem, fantasiam,
Emagrecem, fazem academia.
Ficam insanas
Ao verem lindas vitrines,
Desejam tudo comprar
E desfilar para as amigas.
Loucas sim de desejo
De viver e ser feliz.
Fascinantes pelas loucuras
Cometidas para conseguir
Tudo que querem.
O que seria deste mundo
Sem as mulheres
Insanas e fascinantes.

Saudade

Vanessa Soares

Boa é a saudade que se pode matar e assim fazer o coração se acalmar...

Pior é a saudade que não mata e sim nos mata, fazendo o coração sangrar e a alma agonizar...

A saudade é o oposto do esquecimento, que nos faz viver em um grande tormento.

Lembrança que não se apaga, apenas se propaga, é um sentimento fantasmal e ao mesmo tempo real, que consome a alma, aumentando a aflição sem ter noção da dimensão, chegando ao ponto da alucinação.

Assim me encontro nessa solidão pedindo a Deus um pouco de comiseração, por ter me fascinado por essa descomedida paixão, paixão essa que somente o céu, o mar e as estrelas foram testemunhas, o mar trouxe você, e ele mesmo o tirou de mim, e agora me pergunto: o que farei com essa saudade que a cada dia me abate? Saudade essa na qual não poderei matar, pois você jamais voltará e sei que meu coração nunca irá sossegar, e essa saudade para sempre minha alma irá guardar.

Se um dia, por um bem ou por um mal...

Estevão Daminelli

Se um dia, por um bem ou por um mal,
enlouquecesse, e louco libertasse
o dragão da minha dor, a outra face,
revelando sua cólera infernal...

Se um dia por acaso ou desventura
como mero funcionário da insânia
arregalasse minha angústia, que tamanha
mergulhasse a eternidade na clausura...

Se um dia - pois um dia é o bastante-
(mas não tema, sou a pura lucidez)
eu vertesse minha seiva borbulhante

sobre as póstumias ruínas do juízo...
Mas engulo toda sorte de infortúnios
convertendo meu inferno em um sorriso.

Versos a uma mulher em pelos (em textos de Pablo a Manuel)*

Luiz Filho de Oliveira

A primeira mulher adulta
despida à minha vida
não me-veio versos nus
ou alumbramentos;
foi nua revista a mim,
menino, por uma libertina
oferecida amiga de umas
intenções quintas!

Mas, que encontro!
O primeiro de tanto encanto,
do lado contra um sexo oposto!
Em imagem parada, extática, era
tão vida a rosa-púbis da estrela!
E, a segui-la ainda, o cérebro; cores vivas!
E, em seguida, desenhada, arte & libido proibidas,
em papel verde tinta esquisito!

E, que esperança
de tê-la sim (não foto, gravura),
pu-la em meu rijo pênis jovem!

* A Martha, uma poeta sem medos, somente
Medeiros.

**ESPAÇO RESERVADO
PARA SUA POESIA**

Você se inspira, concentra, transpira
e escreve! Depois envia para o email
sandra.veroneze@pragmatha.com.br